

**UNIVERSIDAD DEL SOL – UNADES
PARAGUAY
MESTRADO EM CIÊNCIAS DA EDUCAÇÃO**

DIVINA FERREIRA DOS SANTOS

A LÍNGUA BRASILEIRA DE SINAIS E O SURDO

Minuta descritiva decorrente da pesquisa científica apresentada ao Programa de Pós-Graduação em **Ciências da Educação**. Área de concentração: **Educação**. Curso de Mestrado em Ciências da Educação.

Período de realização: janeiro/2021 a janeiro/2023

Orientador (a): Dra. Maria Elba Medina Barrios

RESUMO

Nesta pesquisa, analisou-se a atuação do aluno surdo no processo de aprendizagem, com foco na metodologia aplicada com a LIBRAS, enquanto sua língua mãe, sua primeira língua. O objetivo geral da pesquisa foi evidenciar a importância da linguagem de sinais para os surdos, no processo de aprendizagem. A pesquisa foi desenvolvida, por meio da metodologia de observação, no próprio local de trabalho da pesquisadora, bem como foram feitas buscas em referenciais bibliográficos, que embasaram as discussões. Os resultados do estudo demonstraram que os surdos já enfrentam um problema muito grande, que é o fato de não escutar, ficando em desvantagem em relação aos colegas ouvintes; contudo são capazes de aprender, participando das mesmas atividades escolares. Assim, é função dos professores, em sala, estimularem os colegas ouvintes a tratarem seus colegas surdos de forma natural, destacando que, para se comunicarem entre si, bem como com a família, devem aprender a Língua de Sinais, tornando o seu uso um fato corriqueiro no cotidiano de todos ao seu redor. Concluiu-se que, se houver aceitação e interação, com certeza, os alunos surdos terão melhor desempenho no processo de ensino aprendizagem.

Palavras-chave: LIBRAS. Surdez. Educação. Desenvolvimento Social.

BRAZILIAN SIGN LANGUAGE AND THE DEAF

ABSTRACT

In this research, the role of deaf students in the learning process was analyzed, focusing on the methodology applied with LIBRAS, while their mother tongue is their first language. The general objective of the research was to highlight the importance of sign language for deaf people in the learning process. The research was developed, using observation methodology, at the researcher's own workplace, as well as searches were made in bibliographic references, which supported the discussions.

The results of the study demonstrated that deaf people already face a very big problem, which is not hearing, leaving them at a disadvantage in relation to their hearing colleagues; however, they are capable of learning, participating in the same school activities. Thus, it is the role of teachers, in the classroom, to encourage hearing colleagues to treat their deaf colleagues in a natural way, highlighting that, in order to communicate with each other, as well as with their families, they must learn Sign Language, making its use a commonplace fact in the daily lives of everyone around him. It was concluded that, if there is acceptance and interaction, deaf students will certainly perform better in the teaching-learning process.

Keywords: LIBRAS. Deafness. Education. Social Development.

LA LENGUA DE SEÑAS BRASILEÑA Y LOS SORDOS

RESUMEN

En esta investigación se analizó el papel de los estudiantes sordos en el proceso de aprendizaje, centrándose en la metodología aplicada con LIBRAS, siendo su lengua materna su primera lengua. El objetivo general de la investigación fue resaltar la importancia de la lengua de signos para las personas sordas en el proceso de aprendizaje. La investigación se desarrolló, utilizando la metodología de la observación, en el propio lugar de trabajo del investigador, así como se realizaron búsquedas en referencias bibliográficas, que sustentaron las discusiones. Los resultados del estudio demostraron que las personas sordas ya se enfrentan a un problema muy grande, que es la falta de audición, lo que les deja en desventaja en relación con sus compañeros oyentes; sin embargo, son capaces de aprender, participando en las mismas actividades escolares. Así, es papel de los profesores, en el aula, incentivar a los compañeros oyentes a tratar a sus compañeros sordos de forma natural, destacando que, para comunicarse entre sí, así como con sus familias, deben aprender la Lengua de Señas, haciendo de su uso un hecho común en la vida diaria de todos los que lo rodean. Se concluyó que, si hay aceptación e interacción, los estudiantes sordos seguramente tendrán un mejor desempeño en el proceso de enseñanza-aprendizaje.

Palabras clave: LIBRAS. Sordera. Educación. Desarrollo Social.

Introdução

A deficiência auditiva acaba por ser uma instituição, porque, de certa forma, estabelece e, ao mesmo tempo, diferencia um tipo e uma qualidade diferente de vida, isso porque, da mesma forma que os ouvintes têm sua maneira de viver, também os surdos possuem a sua. A surdez, antigamente, era considerada uma doença e esses deficientes auditivos tinham a infelicidade de terem que ficar isolados. Esse pensamento era concebido em todas as partes da sociedade, bem como no seio das famílias. O fato é que a própria família escondia seu filho surdo e, até mesmo, tinham vergonha dele e daquela situação.

Felizmente, extinguiu-se o sentimento de vergonha e ineficiência que tinham pelos surdos e eles passaram a ser vistos como pessoas com as mesmas capacidades que aquelas ditas “normais”. Apesar de ainda muitos não conhecerem o trabalho que têm as escolas inclusivas, que acolhem não somente os surdos, mas também os mudos e aqueles que possuem algum tipo de problema físico, como por exemplo, os cadeirantes, muito já se tem feito para erradicar de

uma vez o conceito de que os portadores de necessidades especiais têm que se manterem isolados, restritos ao que a vida lhes impôs.

É preciso que haja uma tomada de consciência em relação ao atendimento que a um surdo deve ser atribuído, desde criança. Desde bem pequeno, o deficiente auditivo deve ser considerado como uma pessoa totalmente capacitada a aprender e não o contrário, sendo tratado, muitas vezes, como um estorvo ou algo que atrapalha e dificulta o dia-a-dia de uma família. Sabe-se que muitas famílias se instruem e correm atrás de informações que possibilitam seu filho surdo a ter uma vida normal, apesar das diversas providências que têm que ser tomadas para introduzi-lo ao mundo dos ouvintes, como por exemplo, a introdução em uma escola de ensino regular, inclusiva e a aprendizagem da LIBRAS, também, pela família.

Faz-se necessário deixar claro que o único problema de um surdo, quando possui somente a deficiência auditiva, é a problemática de não ouvir, pois todos os outros sentidos ele possui, sendo totalmente passível de qualquer aprendizagem e não pode, de forma alguma, não ser tratado como tal. Se o surdo fosse incapaz de aprender, não possuiria sua própria língua, que é a Língua de Sinais, que, para muitos ouvintes, se torna um meio muito difícil de comunicação, a não ser para aqueles que possuem o dom, ou mesmo, que acompanham um surdo; por isso, está sempre estudando e se capacitando.

Dessa forma, com a certeza de que o surdo, através da Língua Brasileira de Sinais – LIBRAS –, deve ser tratado e respeitado como qualquer outra pessoa, é que originou esta pesquisa, com o propósito de mostrar a importância desse meio de comunicação, que eleva o deficiente auditivo a uma condição de cidadão, como qualquer outro.

É importante ressaltar que, somente a partir dos anos 1990, a escola brasileira abriu as portas para o quesito inclusão, em se tratando dos surdos. Nesse período, houve uma tomada de consciência e passaram a enxergar a necessidade de, literalmente, “abrir as portas” para aqueles que tinham algum tipo de necessidade especial. A partir daí, ficaram conhecidas as escolas que acolhem os portadores de necessidades especiais, como inclusivas, porque possibilitam a todos uma educação de forma unificada, sem preconceitos e tabus.

Outro fator importante é que as escolas inclusivas não possuem salas especiais para os portadores de deficiências, mas, sim, profissionais que os acompanham, lado a lado, juntamente com todos os outros alunos, sem fazer com que eles se sintam diferentes, dando-lhes as mesmas oportunidades e experiências.

Objetivos

Objetivo Geral

Evidenciar a importância da linguagem de sinais para os surdos.

Objetivos Específicos:

- Apresentar elementos que estabeleçam a necessidade do conhecimento da Libras;
- Trazer ao conhecimento dos leitores a essência da linguagem de sinais;
- Ressaltar a necessidade da interação acerca da linguagem de sinais à volta do surdo, incluindo a comunidade escolar.

Metodologia

A proposta foi desenvolvida por meio de buscas bibliográficas e observações *in loco*, a fim de elucidar a problemática levantada.

Resultados

A Língua brasileira de sinais, a partir do momento em que foi considerada um meio eficaz de comunicação, de forma quase igualitária à língua dos ouvintes, que é a Língua Portuguesa, ficou então conhecida como sendo a língua mãe dos surdos. Os surdos não têm a mesma introdução a Libras como os ouvintes têm em relação a Língua Portuguesa, pois, quando são sinalizadas as mensagens em Libras, as mesmas são, na verdade, códigos de tradução, ou seja, quase todas as coisas que são sinalizadas não são transmitidas da mesma forma como se escreve, ao “pé da letra”, mas por meio de sinais próprios, de forma resumida.

Contudo, o fato é que a Libras é de grande importância para a comunidade surda, pois é através dela que se comunica, é por meio da Língua de Sinais que os surdos entendem e se fazem entender pelos que ouvem e, até mesmo, pelos que não ouvem. Mais uma vez é preciso deixar claro que, para o surdo ter uma boa relação junto ao processo de ensino-aprendizagem, deve instruído desde cedo para que obtenha essa aquisição com sucesso, pois a Libras o eleva e o retira da solidão, transportando-o a outro “mundo”, fora daquele em que vive – o silêncio.

Através das mãos, sinalizando, é possível ao surdo expressar seu mais profundo sentimento, seja ele qual for, como, por exemplo, angústia, amor, raiva, fome, satisfação, alegria, emoções, opiniões, contestações e muitos outros. Na escola, o aluno surdo possui a mesma inteligência que qualquer outra pessoa, só que isto tem que ser provocado, ou seja, o professor regente e o intérprete têm a função de introduzir aulas inovadoras e bem dinamizadas, para que os alunos sejam instigados a descobrir o inusitado.

O surdo possui uma desvantagem, em relação ao seu colega ouvinte, que é a surdez; isso, às vezes, o prejudica, pois ele se sente minimizado, inferior, perdendo a autoestima mediante às introduções impostas acerca da oralidade. Isso, muitas vezes, acaba atrapalhando seu convívio junto à sociedade.

Antigamente, os surdos não tinham acesso aos materiais de uso escolar, de aprendizagem. A eles era evidenciado somente a incapacidade e, assim, eram penalizados a conviverem com o isolamento linguístico, nem ao menos a Língua de Sinais lhes era permitido. Hoje, isso já faz parte do passado e a eles foi concedido, não só a aprendizagem, como também frequentar uma escola regular, mesmo que com ensino inclusivo, obtendo também o direito de utilizar a Libras para se comunicar.

Os autores, especialistas no assunto do processo de ensino-aprendizagem dos surdos, acreditam que os eles têm a possibilidade de ler e de escrever, através da apreciação de textos escritos, sem o intermédio da linguagem oral, propriamente dita. Assim, devem ser oferecidas as mesmas atividades, dentro da sala de aula, aos alunos surdos, fazendo com que eles sintam a necessidade de se esforçarem para aprender a ler, podendo, assim, acompanhar seus colegas junto às propostas. No entanto, para esse processo ter sucesso, antes, deve ser apresentada a Língua de Sinais, ao surdo, para que adquira o domínio sobre ela, por completo.

É importante apresentar a Língua Portuguesa para o Surdo, onde a leitura e a escrita consigam fazê-lo entender que é de suma importância a sua assimilação, pois o elevará a um mundo de pertinências diferenciadas. Esse universo, com certeza, o alegrará muito, pelo fato de o aproximar da realidade de seu colega ouvinte.

Se o surdo lê e transmite o que entendeu, através dos sinais da Libras, é imperioso o momento, pois, tanto para o professor como para o aluno, é uma sensação de vitória e reconhecimento de esforço de ambos os lados. Nessa condição, é possível ao surdo reconhecer que ele é capaz, da mesma forma que seu colega que não possui deficiência auditiva.

Diante de tanta informação a respeito das possibilidades que o aluno surdo tem, pode-se dizer que ele pode, sim, ter o mesmo desprendimento que seus colegas ouvintes, basta que a ele seja lhe propiciada a devida condição, através de procedimentos metodológicos essenciais, que utilizem a Língua de Sinais, que, como já dito, é a sua língua mãe.

Segundo Skliar,

Além das crianças surdas possuírem a potencialidade da aquisição da língua de sinais, elas têm o direito de se desenvolverem numa comunidade de pares,

e de construírem estratégias de identificação no marco de um processo socio-histórico não fragmentado, nem cerceado (SKLIAR, 2005, p. 62).

Assim, Skliar referencia a questão de que, ao surdo, todas as possibilidades devem ser oferecidas junto ao processo de ensino-aprendizagem. A aprendizagem para o surdo é possível, mas para isso, muito deve ser feito, como, por exemplo, aulas organizadas, comunhão de ideias entre todos na Unidade Escolar, principalmente entre professor/intérprete e regente. Se não houver uma interação entre ambas as partes, com certeza os objetivos propostos não serão alcançados. Junto ao planejamento do professor regente, o intérprete deve lançar mão de todos os recursos visuais representativos, que exemplifiquem aquilo que está sendo falado. De outra forma, não haverá entendimento.

Hoje, os deficientes auditivos já são bem informados, já conseguem exercer seu papel de cidadão e exigir seus direitos. Ligando a televisão, infelizmente, não em todos os canais, há uma pessoa traduzindo tudo o que está sendo dito. Aliado a esse direito, está sendo exigido em todos os lugares, como, por exemplo, nas repartições públicas, nos filmes legendados, congressos, entre outros, que se tenha sempre um profissional intérprete, para que o surdo não se sinta incapaz, mediante sua necessidade, seja ela qual for.

A Lei 10436/2002, instituiu oficialmente a Língua Brasileira de Sinais, no artigo 1º: “reconhece como meio legal de comunicação e expressão a Língua Brasileira de Sinais – Libras e outros recursos de expressão a ela associados” (BRASIL, 2002). Faz-se necessário, então, introduzir a Língua de Sinais em todas as escolas, em sua grade de ensino, para que, desde pequenos, os alunos se ambientem com a necessidade dessa aprendizagem e possam enxergar seu colega surdo de forma natural e aceitá-lo como ele é, ajudando-o, assim, a se sentir uma pessoa normal.

Na verdade, os alunos surdos que não têm uma orientação adequada quando criança, em relação à Libras, apresentam uma grande dificuldade em acompanhar os conteúdos introduzidos, pois, além de não dominarem uma língua também não possuem o conhecimento da outra. Daí a importância de se procurar, ainda cedo, a ajuda de profissionais, que são treinados e bem informados para enfrentarem todas as situações.

Realmente, não é uma tarefa fácil, mas é totalmente possível, pois, como já dito, o surdo é inteligente, só precisando ser despertado para a aprendizagem, através de procedimentos adequados. Para isso, faz-se necessário que o professor sempre esteja se capacitando e

aprimorando seus conhecimentos, para, então, complementar as possíveis falhas que, infelizmente, sempre aparecem.

Outra questão importante a se ressaltar é que, mesmo com a modernidade e as conquistas de reconhecimento dos direitos dos surdos, eles ainda enfrentam pessoas totalmente desprovidas de informação e também de educação, que conseguem discriminá-los, simplesmente pelo fato de serem surdos e, assim, considerados incapazes. Felizmente, todos os profissionais da Educação que, realmente, exercem sua profissão com amor, fazem de tudo para que seus alunos surdos não se sintam diminuídos, em situação nenhuma, considerando-os da mesma forma que os outros, que não têm deficiência auditiva, possibilitando, ainda, uma integração e o seu progresso em todas as circunstâncias apresentadas. Fica fácil possibilitar essa interação quando o professor é sagaz e dedicado àquilo que faz.

É questão de cidadania permitir, ao aluno surdo, o direito de desenvolver suas competências na medida em que ele é tratado como uma pessoa normal e não como um doente. Seria louvável se todos os surdos, não somente os de idade escolar, tivessem os mesmos direitos, ou seja, todos fossem convocados à escola para o conhecimento da Libras, não simplesmente os de pouca idade. Quem já teve um pequeno contato com um idoso surdo, sabe que ele se comunica através de gesticulações e até grunhidos, que ele mesmo cria. Os que estão à sua volta conseguem entender, mas os outros, que para eles é novidade, não são capazes de traduzir nada.

Se o surdo for levado à escola, assim que for possível, quando houver idade escolar, com certeza ele terá destreza entre as duas línguas, a Língua de Sinais e a Língua Portuguesa e terá, então, muito mais realização mediante as propostas de ensino. Aos pais cabe a consciência de que seu filho surdo pode, totalmente, ter uma vida extremamente normal, como a dos ouvintes, desde que ele encare isso como uma deficiência e não como uma doença. Os pais devem ter a coragem de assumir que necessitam de ajuda profissional e que seu filho e o futuro que a ele pertence, depende disso, dessa decisão de admitir que eles não conseguirão, sozinhos, fazer com que seu filho se sinta uma pessoa “normal”.

O fato dos pais não procurarem ajuda profissional, pode ser um ato de condenação, pois, assim, seus filhos jamais terão a estrutura que é estabelecida dentro do espaço escolar e nem, tampouco, o acompanhamento necessário junto ao processo de ensino-aprendizagem, sem contar com a interação com os outros ouvintes, da mesma idade, que tanto contribui para a sua realização rumo ao saber.

Uma criança surda, sem o acompanhamento devido, sem o conhecimento da Libras, jamais terá oportunidade de se embrenhar no mercado de trabalho, pois seus sinais de comunicação serão simplesmente gestos, dificultando o entendimento por completo e, muitas vezes, a conversa se transforma em adivinhação. Outro problema que os surdos enfrentam é quanto à falta de profissionais educadores bem instruídos, que tenham o propósito de inseri-los na sociedade e, ainda, trabalhar a estrutura e capacidade para que o surdo consiga se fazer entender, junto às propostas de ensino da Língua Portuguesa, garantindo-lhe o direito de formação e cidadania.

É necessário lembrar que, para que o aluno surdo tenha êxito mediante as propostas de ensino, é preciso que ele seja envolvido em todos os processos metodológicos e que lhe seja sempre possibilitado o aprimoramento tanto em Libras, quanto em Português, pois assim, ele se garantirá culturalmente e passará a ser conhecedor, tanto de seus direitos, como também dos deveres. Certamente, com o conhecimento acerca das duas línguas, tudo será mais fácil. Portanto, dá para imaginar o tamanho da responsabilidade que deve ter um professor, tanto o regente quanto o intérprete.

Não só a escola, como também a família, tem suas parcelas de contribuição quanto ao aspecto da inclusão. O lado social e humanístico deve ser trabalhado em ambas as partes, pois do contrário não obterão sucesso. Se na escola consideram seus alunos e fazem todo um trabalho de humanização, mas em casa ele é tratado erroneamente, tudo estará perdido. Com certeza o professor jamais conquistará aquilo que tanto almeja e nem, tampouco, seu aluno deixará de ser alguém com menos direitos dos que os outros, pois, a todo momento, lembrarão isso a ele, mediante as circunstâncias de exclusão que, infelizmente, não deixam de acontecer.

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1996) se refere à escola, que acolhe os que possuem necessidades especiais, como rede regular de ensino inclusiva, pois inclui esses alunos no seio daqueles que não possuem deficiência. Tudo tem que ser feito para que, ao portador de necessidades especiais, seja garantido o direito de pertencer a uma mesma classe, dos “normais”, pois do contrário, o mesmo não fará parte da sociedade como um todo e não terá o direito junto ao processo de ensino-aprendizagem.

Segundo Sassaki,

ativistas do movimento liderado por pessoas com deficiência sempre combateram esta forma de atender às necessidades educacionais, por exemplo, de crianças com deficiência. Para eles, não era justa essa exigência da

sociedade, no sentido de que as crianças provassem estarem aptas para ingressar no sistema educacional comum (1997, p. 25).

É possível, então, conceber a ideia de que o atendimento aos surdos e a convivência com eles, deve ser originada de forma natural, como um procedimento normal do cotidiano. Tudo deve ser modificado tanto no aspecto educacional e social, quanto à questão de aprimoramentos e não minimizações, ou seja, a começar pelo plano de aula, que deve ser traçado entre professor regente e intérprete, de forma a possibilitar o aprendizado do aluno surdo. Nessa perspectiva, não há que facilitar o conteúdo, mas oportunizar a interação e conhecimento da família, acerca da Libras, uma vez que o aluno surdo é muito esperto, às vezes, muito mais que alguns de seus colegas ouvintes.

Considerações Finais

No decorrer da pesquisa, foi fácil afirmar que se faz necessário que todos se adequem à linguagem de sinais (LIBRAS) e da forma como as utilizam, para suprirem as necessidades de cada comunidade. O aluno surdo só se ambienta totalmente com a Língua de Sinais se ele for realmente integrado ao método, de preferência, ainda com pouca idade, para que seja possível que ele absorva os ensinamentos com mais tranquilidade e sem tantos conflitos no momento dos procedimentos didático-metodológicos apresentados em sala de aula.

Ao entrar para a escola regular, os professores devem, primeiramente, fazer com que a Língua de Sinais seja, totalmente, dominada pelo surdo, para que, no momento em que lhe for introduzido a Língua Portuguesa, ele consiga ter o discernimento das explicações com mais facilidade. Sem o controle da Libras, certamente ele não conseguirá ser autossuficiente e não conseguirá, assim, acompanhar seus colegas ouvintes, mediante o aspecto das introduções ao Português, pois as duas línguas têm que estar lado a lado, uma complementando a outra.

O deficiente auditivo deve ser induzido a dialogar, para que, assim, possa desenvolver suas habilidades e acumular os conhecimentos, tanto em Libras como em Português, criando momentos linguísticos de extrema importância para sua realização. É certo que, para o deficiente auditivo conseguir ter sucesso dentro de uma escola regular, todo um aparato é necessário, como, por exemplo, professores bem treinados, intérpretes com bastante conhecimento e capazes de enfrentar qualquer situação junto ao surdo – que o cotidiano às vezes impõe a ambas as partes – e materiais metodológicos adequados, entre outros. Com essas

providências básicas, fica quase que impossível que o surdo não obtenha sucesso na busca pelo saber.

Assim, foi muito importante a oportunidade da produção desse material, pois foi possível reconhecer a grande relevância que tem a atuação da Língua Brasileira de Sinais na vida do aluno surdo.

Referências

BRASIL, **Lei nº 10.172, de 9 de janeiro de 2001**. Aprovada o Plano Nacional de Educação e da outra providência. Diário Oficial da União. Brasileira, 10 jan. 2001.

BRITO, Paula. **Segredos e Silêncios na Educação dos Surdos**. Belo Horizonte: Autentica, 1998.

DORIA, A. S. **Entre a visibilidade da tradução da língua de sinais e a invisibilidade da tarefa do intérprete**. Dissertação de Mestrado – Faculdade de Educação na Universidade Estadual de Campinas, SP, 1961.

FELIPE, Tanya A. **Libras em contexto: curso básico**. Livro do estudante/ cursista. Brasília: Ministério da Educação. Secretaria de Educação Especial, 2001.

FERREIRA, G. E. **O perfil pedagógico do intérprete de língua de sinais no contexto educacional**. Dissertação De Mestrado. Unipac, Bom Despacho/Mg, 1993.

GOLDFELD, Marcia. **A criança surda**. Plexus, São Paulo: 1997.

JR, Joaquim Mattoso Câmara. **História da linguística**. 4ª ed. Vozes, Rio de Janeiro: 1975.

LEMO, Maria Teresa Guimarães de. **A língua que me falta**. Mercado de Letras, São Paulo: 2002.

LYONS, John. **As ideias de Chomsky**. 4ª ed. Cultrix, São Paulo: 1970.

MORATO, Edwiges Maria. **Linguagem e cognição: as reflexões de L.S.Vygotsky sobre a ação reguladora da linguagem**. Plexus, São Paulo: 1996.

OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Vygotsky – aprendizado e desenvolvimento – um processo sócio-histórico**. 4ª ed. Scipione, São Paulo: 2001.

PAULA, Ana Rita de. **A hora e a vez da família em uma sociedade inclusiva**. Ministério da Educação, Secretaria da Educação Especial, Brasília: 2007.

QUADROS, Ronice Muller de. **Ideias para ensinar português para alunos surdos**. MEC, SEESP, Brasília: 2006.

QUADROS, Ronice Muller de. **O tradutor e intérprete de língua brasileira de sinais e língua portuguesa**. MEC, SEESP, Brasília: 2004.

SACKS, O. **Vendo Vozes**. Cia. das Letras, São Paulo: 1998.

SASSAKI, R.K. **Inclusão: Construindo uma sociedade para todos**. WVA, Rio de Janeiro: 1997.

SKLIAR, Carlos. **Um olhar sobre as diferenças**. 3ª ed. Mediação, Porto Alegre: 2005.

SKLIAR, Carlos. Uma perspectiva sócio-histórica sobre a psicologia e a educação dos surdos. In:____(Org.). **Educação e exclusão**: abordagens sócio-antropológicas em educação especial. Mediação, Porto Alegre: 1997.

VYGOTSKY, L.S. **Pensamento e linguagem**. 2ª ed. Martins Fontes, São Paulo: 1989.

VYGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. 2ª ed. Martins Fontes, São Paulo: 1994.